

3. A problematização da verdade

Ao lado da crítica do sujeito, e em relação a ela, uma outra vertente temática se impõe como uma constante no projeto filosófico de Michel Foucault. Falamos da problematização da verdade. Nas pesquisas de Foucault, o ser humano é fundamentalmente pensado como um animal de verdade. Mas ele opera um deslocamento importante no tratamento dessa noção. A questão clássica da filosofia é: a partir de que fundamento um sujeito pode conhecer o mundo? Trata-se então, de Platão a Kant, de pensar um entrelaçamento originário e interior, uma filiação de essência, uma correlação irreduzível entre a alma e a verdade, entre o sujeito e o conhecimento. Em Foucault a relação entre sujeito e verdade não é pensada a partir de uma ligação interior do conhecimento, mas construída, a partir de uma relação exterior na história. A questão não é mais: a partir de qual fundamento o sujeito pode conhecer verdades sobre o mundo? Mas, segundo quais processos históricos de estruturas de subjetivação eles são atados a discursos sobre a verdade? O problema não é mais pensar o ser de um sujeito originário, pré-determinado de tal maneira que ele pudesse instituir um conhecimento verdadeiro nem de construir um domínio de verdades eternamente fundadas, mas de descrever historicamente processos, pelos quais os discursos de verdade transformam, condicionam ou informam os sujeitos e pelos quais subjetividades se constroem; se estabelecem a partir de um dizer-verdadeiro.

3.1 Verdade e saber

Da publicação de sua tese sobre a loucura, em 1961, até a sua nomeação como professor no *Collège de France*, em 1970, Foucault elabora – ao mesmo tempo em que aplica em suas pesquisas – um novo método de análise que ele chama arqueologia¹.

¹ Embora as questões ligadas ao procedimento metodológico tenham sido analisadas em capítulo específico, retomamos aqui os primeiros textos e seguimos na ordem cronológica, com o intuito de

Aqui se manifesta a primeira relação importante com a verdade. A história clássica das ciências toma para si o papel de determinar o fundamento de verdades positivas contemporâneas (determinação atual da loucura como doença mental, definição moderna da relação clínica, análise positiva da relação de riquezas), e os utiliza como grade de leitura para uma interpretação retrospectiva de descrever o movimento progressivo de descoberta dessas verdades fundamentais. A verdade então tem o valor de partilha, permite separar os enunciados percussores ou intuições geniais, das forças errôneas e outras ideologias. Ela é pensada como o que dirige secretamente o movimento da história, antes de ser, na iluminação de uma descoberta, o objeto de um conhecimento científico completo e puro.

O procedimento arqueológico de Foucault supõe um primeiro distanciamento crítico dos enunciados positivos estabelecidos, científicos e verdadeiros, uma neutralização de sua potência de esclarecimento retrospectivo. Não se trata de constatar seu valor de verdade, mas de procurar, para escrever a história da psiquiatria, da medicina ou das ciências humanas uma outra perspectiva. A questão não é a de fazer uma história que busca saber o que é verdadeiro e o que é falso, o que está avançando e o que está em atraso (se essa definição de melancolia se aproxima da lógica médica da depressão, se esta descrição clínica é válida ou fantasiosa), mas de pensar, pelo conjunto dos enunciados e descrições de uma época, o que os torna possíveis em sua coerência. É preciso pesquisar o que é dito e visto em uma época. Os sistemas constrangedores que tornam essas coisas, e não outras, visíveis e enunciáveis.

De formações arqueológicas que sustentam a articulação singular de palavras e de coisas em cada época. Foucault nos dá muitas versões: É, a princípio, uma “experiência fundamental” na *História da Loucura* como percepção cultural coletiva que orienta o sentido das práticas sociais e definições médicas da loucura; é “a estrutura de ver e de falar” no Nascimento da clínica, que liga segundo uma articulação sempre singular, o que se pode ver e o que se pode dizer de corpos doentes; enfim a *epistémê* em *As palavras e as coisas* como regra anônima e histórica

acompanhar o tratamento que Foucault dispensou à noção de verdade, ao logo de seu percurso filosófico.

de construção de objetos do saber. Confrontando os todos enunciados depositados no arquivo da história e admitidos como pertencentes ao “saber verdadeiro”, Foucault não pergunta por aqueles que são verdadeiros ou qual a significação profunda ou latente que ele precisaria resgatar, mas quais regras de formação torna possível certa configuração em um momento determinado. Essas regras não são lógicas, epistemológicas ou hermenêuticas, mas arqueológicas. Não se trata de regras puramente formais ou estruturais, mas regras que organizam a articulação de saberes sobre as práticas institucionais e sociais e mesmo de percepções concretas. Elas constituem, portanto, o que articula historicamente o nosso saber sobre as coisas.

O enunciado é apreendido na sua dimensão de materialidade, de acontecimento, de raridade. Pois um saber, antes de ser verdadeiro ou falso, existe, isto é, dispõe segundo modalidades históricas, de posições subjetivas, de regimes de objeto, de configurações conceituais. A formação arqueológica contrasta com a disposição epistemológica: a arqueologia descreve as condições de existência e de realidade de um saber, enquanto a epistemologia determina as condições de verdade ou de veridicção.

Esse novo método de descrever a história dos saberes interroga as ciências humanas, o momento de construção do homem como objeto do saber, o momento onde o homem torna-se um animal de verdade. O problema é, portanto, o de fazer a arqueologia desses discursos de verdade sobre o homem. Não para se perguntar: as ciências humanas são verdadeiramente ciências? Mas, sobretudo: a favor de qual formação arqueológica as ciências humanas ganharam a sua evidência?

Tomemos o exemplo da psicologia, na *História da loucura*. Ela não se tornou possível quando, se decidiu estudar, segundo os critérios científicos, o comportamento humano, mas quando a experiência ocidental da loucura encontrou no homem seu centro de gravidade. O advento das ciências humanas não significa uma decisão calma de construir enfim o homem como objeto de verdade, depois de uma secular negligência. Ela depende arqueologicamente de uma experiência incandescente e maciça, onde uma cultura joga, arrisca-se e constitui sua identidade.

O homem, confrontado com as ameaças de um pesadelo do mundo, na renascença ou a grande partilha do ser e do nada, do dia e da noite, no período clássico; é

substituído pela confrontação do homem e do louco. As palavras e as coisas continuam a explorar esse momento antropológico da nossa cultura, não mais a partir do gesto originário que separa em uma cultura o sentido do não-sentido, mas a partir de disposições de ordenamento interno dos saberes positivos de uma época. A verdade das ciências humanas se inscreve em um dispositivo geral de finitude, característico do saber moderno. Um projeto de verdade sobre o homem tornou-se possível de ser pensado a partir do momento em que conhecer não é mais seguir as articulações, detalhar as nervuras de uma representação, mas pesquisar as condições de possibilidade. O pensamento não pensa mais o verdadeiro segundo o movimento pelo qual ele se dá um sentido ou se analisa, mas por um perpétuo movimento de descentramento onde ele tente se desvencilhar para reaver o que o sustenta.

3.2 Verdade e políticas

A dimensão genealógica da análise histórico-filosófica empreendida por Foucault caracteriza-se pela inserção do político, de forma mais explícita, no seu trabalho. Os discursos históricos são peças num jogo de poder, estão inseridos em uma trama irregular e assimétrica de estratégias e táticas discursivas. A genealogia procura compreender como puderam se formar domínios de saber a partir de práticas sociais? Mas a articulação com as pesquisas anteriores é profunda. A dimensão arqueológica trata dos grandes sistemas que constituíram os conhecimentos verdadeiros. Estes grandes sistemas podem apresentar configurações diversas: experiência cultural fundamental na história da loucura; a articulação estrutural da fala e do olhar no Nascimento da clínica, uma rede formal e abstrata em *As palavras e as coisas*, as regras de formação discursiva em *arqueologia do saber*. Nesse domínio de análise trata-se de encontrar, como matrizes dos discursos verdadeiros, dispositivos de poder. O conceito de “vontade de saber” conduz essas análises. É preciso então opor o desejo de conhecimento e a vontade de saber. O desejo de conhecimento de Platão e

Aristóteles a Kant é o que estabelece o laço entre um sujeito e uma verdade. A vontade de saber, dos sofistas a Nietzsche, descobre, por trás da busca da verdade, o jogo sempre movente de pulsões e instintos de dominação: a relação do sujeito com a verdade é uma ligação de poder que se estabelece na exterioridade da história através de práticas e interesses sociais. É nessa perspectiva que a sexualidade é descrita não como uma constante antropológica pouco a pouco descoberta, em sua natureza, por saberes positivos superados corajosamente as censuras e interditos sociais, mas como uma ação do poder sobre os corpos e as falas.²

A genealogia se estabelece, portanto, como a história política da verdade. Foucault não pensa o problema da verdade pelo viés da epistemologia ou da história das ciências, mas pegando como ponto de apoio histórico, as práticas judiciais. A passagem de uma concepção de justiça como relação de forças, na Grécia arcaica, onde é questão de fracasso ou vitória, a uma concepção de justiça como ordem do mundo, medida exata das trocas e dos deveres morais, igualdades de relações que permite a ascensão de uma prática social da verdade como medida matriz da matemática e outras ciências de quantidades justas³.

Um segundo estudo, sobre a alta idade média, descreve a passagem de uma justiça privada, lógica de vingança e de transação, por uma justiça pública que caracteriza-se por um preceito de encontrar quem fez o que, a que momento e em quais circunstâncias. Um saber de inquérito se desenvolve que encontra prolongamentos importantes nas grandes ciências empíricas do ocidente⁴.

Enfim, o último estudo se concentra em torno de um terceiro poder-saber constituído pelo exame. Trata-se de saber como se destacam, em uma só configuração histórica, a emergência das ciências humanas, o advento da prisão como pena única, o aparecimento de uma justiça penal que se apóia no saber psiquiátrico para formar seu julgamento e ainda a instalação de organizações disciplinares nas grandes instituições (prisões, asilos, fábricas, escolas). Todos esses elementos ganham sentido na perspectiva do desenvolvimento, no ocidente, a partir do século XXIII, de um novo

² Discussão de *Histoire de la sexualité: La volonté de savoir*. Paris: Gallimard, 1976.

³ Curso do *Collège de France* de 1971, *La volonté de savoir*.

⁴ Curso do *Collège de France* de 1972, *Théories et institutions pénales*.

tipo de poder: o poder da norma; que toma, como objeto, o homem na sua dimensão de corpo vivo.⁵

Todo esse procedimento genealógico supõe um pensamento da verdade bem distante das grandes tradições clássicas. Destacaremos aqui três dimensões: A verdade como tecnologia, como produção de realidade e como processo de assujeitamento.

Poder-se-ia dizer, de uma maneira geral, que a verdade, em sua concepção clássica, é pensada como universal, eterna e desinteressada. Ela seria determinada a todos, idealmente, mesmo se de fato ela se revelasse somente aos espíritos suficientemente rigorosos. O procedimento genealógico, pensa, ao contrário, a verdade como produção, ritual, processo regrado ou ainda como crise, guerra, relação de forças, vitória. Nessa perspectiva a verdade tem uma geografia precisa: ele aparece somente em certos lugares e em certos quadros. Ela depende de rituais, de dispositivos determinados, de circunstâncias e momentos precisos. Ele supõe um jogo de forças em movimento. Em resumo, ela deve ser pensada como acontecimento produzido e não como natureza descoberta.

O segundo grande tema clássico da verdade consiste em pensá-la como discurso adequado a uma realidade: é verdadeiro o enunciado que reflete corretamente uma situação de fato. Para Foucault, essa relação deve ser invertida: as técnicas de verdade são produtoras e não reflexo da realidade. É assim que o asilo pode ser descrito como uma máquina de produzir loucos em nome de uma doença mental e uma ciência médica.

Em fim, a verdade clássica, supõe, para ser pensada, um sujeito puro do conhecimento. Foucault descreve como os sistemas de poder e de verdade, fabricam sujeitos, produzem indivíduos. As técnicas de verdade e de poder assujeitam: eles formam e transformam seu ponto de aplicação. É assim que o sujeito de direito das histórias jurídicas e o homem normal das ciências humanas podem ser pensados como produções desse poder disciplinar que, através de determinadas práticas, inculta docilidade e regularidade, normaliza as condutas.

⁵ O que Foucault chama de *biopolítica*.

Mas Foucault ainda nos lembra que, mesmo diante da constatação de que “somos uns governados”, aqueles que não querem ser governados dessa ou daquela maneira, podem opor, a um saber-poder dominante, outros jogos de verdade e assim outras formas de subjetividade. Essa recusa, essa resistência Foucault nomeia com atitude crítica.

3.3 Verdade e ética

Nos últimos trabalhos Foucault desenvolve a noção de atos de verdade. Eles se colocam sob o signo de uma renovação da questão kantiana sobre a *Aufklärung*. A relação entre a verdade e o sujeito se coloca de maneira mais frontal. O sujeito não é pensado como um simples efeito de verdade, mas como aquele que se constitui e se transforma a partir de uma relação determinada com um discurso sobre a verdade. Nesse sentido, segundo Foucault, o que nos ligaria ainda à *Aufklärung* seria um *ethos* filosófico caracterizado pela crítica permanente de nosso ser histórico. Mas, se para Kant a crítica era o instrumento que permitia apontar os limites que o conhecimento deveria renunciar a transpor, para Foucault a crítica, sendo ainda uma reflexão sobre os limites, é orientada de maneira prática sob a forma de ultrapassagem possível. Ele se dedica, ao longo dos seus últimos anos, a estudar grandes processos históricos de subjetivação pelos quais o sujeito pode constituir-se como tal a partir de uma relação determinada com um discurso sobre a verdade. Ele coloca sob um novo ângulo as relações de força entre o saber e o poder. Nos seus últimos escritos ele tenta analisar como o homem entra nos “jogos de verdade”, onde e como a subjetividade, a ética, e a sexualidade se ligam aos “jogos de verdade”, finitude e liberdade. Essa história de produção de verdade empreendida em *O uso dos prazeres*, e no *Cuidado de Si*⁶ não é uma história do saber verdadeiro, mas

⁶ Respectivamente 1º e 2º volume da *História da Sexualidade*.

Uma história dos jogos entre o verdadeiro e o falso, através dos quais o ser se constitui historicamente como experiência [...] através de quais jogos de verdade o homem se dá seu ser próprio a pensar quando ele se percebe como louco, quando se olha como doente, quando reflete sobre si como ser vivo, ser falante e ser trabalhador, quando ele se julga e se pune enquanto criminoso; e finalmente, através de quais jogos de verdade o ser humano se reconheceu enquanto homem de desejo”⁷

Foucault situa toda a sua pesquisa à luz desses jogos de verdade. Ele toma como fio condutor de suas pesquisas as relações entre subjetividade e verdade para definir os três campos fundamentais de seu projeto que se apresenta como uma ontologia histórica do presente, de nossas relações com a verdade, relações que permitem nos constituir como sujeitos do saber; como sujeitos de ação sobre os outros no campo do poder e como atores éticos. Através de um gesto forte e profundamente anti-metafísico, Foucault desloca para outro campo o conceito de ontologia tradicional. Aqui a ontologia serve para apreender e analisar realidades que estão fora da investigação filosófica tradicional com a clínica, o asilo, a prisão, as práticas sexuais. Através da análise de diferentes jogos de verdade, é possível evidenciar os processos de subjetivação e objetivação através dos quais o sujeito torna-se objeto de um saber possível, de uma apreensão ética e de uma apreciação estética.

Essa história dos jogos de verdade não analisa as condições formais ou transcendentais para a existência de um enunciado verdadeiro. É uma história de aparições concretas, de formas diferentes do falar verdadeiro. Foucault analisa as diferentes formas de verificação para mostrar como o sujeito pode dizer algo como uma verdade de si e como ele veio precisar “dizer a verdade” e o tipo de racionalidade que aí intervém.

No fim desse percurso é preciso compreender que, se existe um interesse em descrever essas modalidades pelas quais o sujeito e a verdade se relacionam, é, evidentemente, em uma perspectiva de liberação. Aqui é central o debate que Michel

⁷FOUCAULT, M. *L'usage des Plaisirs*, p. 13.

Foucault instaurou com Kant, pois suas análises redefinem o campo da crítica; desnaturalizam ou historicizam as grandes perguntas de Kant sobre o saber. Não mais “que posso conhecer?”, mas sim como se produziram minhas perguntas? O que determinou o caminho que segue meu conhecimento? Não mais “o que devo fazer?”, mas sim o que me situou onde estou para apreender o real? Não “o que posso esperar?”, e sim em que lutas estou envolvido? O que define os parâmetros de minhas aspirações? A finalidade que Foucault aponta ao transformar essas perguntas é liberar o pensamento das estruturas formais para situá-lo em um campo histórico no qual o pensamento enfrentará o singular, o contingente e o arbitrário que estão incluídos no que se apresenta como universal, necessário e obrigatório. “Em suma, o problema é transformar toda crítica que se apresenta na forma de uma limitação necessária em uma crítica prática que assuma a forma de uma transgressão possível”⁸.

⁸ FOUCAULT, M. *What's the Enlightenment?* , p. 45.